

Editorial

JORGE PINTO

jorge.pinto@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

O presente número da revista Medi@ções tem como característica central apresentar-nos uma reflexão sobre o 1º ciclo do Ensino Básico a partir de vários pontos de vista, nomeadamente as suas culturas organizacionais, de gestão e pedagógicas. Embora ainda que de forma indireta, a formação de futuros profissionais para este nível de ensino, bem como, a inovação, não ficaram esquecidas. Quase todos nós conservamos recordações do professor(a) do 1º ciclo do Ensino Básico. Boas ou más, essas recordações evidenciam a importância que esses primeiros quatro anos de escolaridade tiveram na relação posterior com a escola dos mais crescidos e com a aprendizagem. Este ciclo de estudos continua a ser ainda o primeiro do sistema formal de ensino e mantém para quem o observa de fora, a mesma aparência, as mesmas

características. Uma escola/edifício próprio, um professor(a) por vezes dois; uma turma com 20/24 alunos e as mesmas áreas disciplinares que integram o currículo deste nível de ensino. Todavia, uma vivência ou um olhar mais profundo revela-nos que nada está igual. O currículo é uma “manta de retalhos”, as lógicas organizacionais e pedagógicas estão subordinadas a uma lógica maior, a do Agrupamento de Escolas. Nesta captura do 1º ciclo às lógicas organizacionais e pedagógicas dos ciclos subsequentes vai enfraquecendo as singularidades deste ciclo de ensino e coloca-o cada vez mais na fronteira do sistema educativo. Este facto traz a sua progressiva desvalorização, já que numa visão hierarquizada do sistema de ensino as aprendizagens no início são

sempre mais simples do que a meio e ou no seu final. Com a publicação deste número pretende-se colocar o 1^a ciclo “no mapa das nossas discussões e preocupações”. Enquanto instituição de formação de futuros profissionais para este nível de ensino repensar e debater o 1^o ciclo, perspectivá-lo na sua relação com outros ciclos de ensino, anteriores ou posteriores, e discutir as suas características e importância na relação dos estudantes com a aprendizagem e o conhecimento, é fundamental para o desenvolvimento profissional dos docentes, em formação ou já em exercício.

Esta publicação corresponde ao número do 1^o semestre de 2018. Os nove artigos que compõem este número estão organizados da seguinte forma, oito integram um dossier temático designado Lógicas e práticas no 1^o ciclo do Ensino Básico, que têm como traço comum o facto de estarem centrados no 1^o ciclo do ensino básico e ainda um artigo sobre o ensino do Português como Língua não Materna. Apresentamos de seguida e de forma muito sucinta os contributos de cada artigo e naturalmente dos seus autores para este debate.

A compreensão das culturas institucionais e organizacionais são fundamentais para se perceber as suas reconfigurações atuais. Ora no

artigo de Joaquim Machado e João Formosinho identificam-se as alterações organizacionais e pedagógica que nos últimos 11 anos têm contribuído para uma transformação do 1^o ciclo do Ensino Básico em termos da sua lógica de funcionamento ao nível da organização e funcionamento pedagógico aproximando-a progressivamente às lógicas que estão presentes nos ciclos de ensino subsequentes.

O papel das lideranças, tem vindo a transformar-se a assumir novas responsabilidades em várias áreas, nomeadamente sobre a forma como concretiza a sua missão socialmente atribuída. Ora Bill e Sara Jerman trazem-nos uma reflexão sobre o que mudou no ensino primário em Inglaterra nos últimos trinta anos, sobretudo ao nível do sistema de liderança e das suas responsabilidades. Discute-se o papel das lideranças e das suas responsabilidades ao nível da melhoria dos serviços prestados pela escola e do modo como esta lida com os desafios educacionais presentes e futuros.

Uma das missões sociais da Escola é garantir uma formação de qualidade a todos os estudantes. Todavia a concretização deste objetivo não é simples, pois obriga a lidar com uma contradição difícil de superar. Como é que uma instituição normalizada pedagogicamente lida com os diferentes alunos que entram por cada uma das salas de aula? Neste

contexto, Pascal Paulos coloca-nos então questão central em educação: sendo o 1º ciclo a primeira escola (formal) pretende-se que esta seja orientada para a desempenho dos estudantes ou para uma educação global e humanista para todos os estudantes. Para tal, discutem-se três aspetos: como o professor age; como se assume enquanto docente das várias áreas curriculares e como lida com as diferenças em termos das aprendizagens.

As práticas de avaliação desenvolvidas não são neutras, estas influenciam fortemente as aprendizagens dos alunos. Infelizmente não tem havido muitos estudos em Portugal sobre esta problemática no 1º ciclo do Ensino Básico. Nesta perspetiva o artigo de que segue é um contributo importante para este debate. Joaquim Colôa e Leonor Santos apresentam-nos o resultado de um estudo sobre práticas de avaliação numa escola do 1º ciclo do EB que se pretende inclusiva. Os autores consideram como avaliação inclusiva, práticas de avaliação reveladoras da diferença, que permitam ao professor e ao aluno trabalhar essas diferenças. O artigo evidencia o quão é ainda vago e difuso o desenvolvimento de tais práticas avaliativas.

A formação inicial de professores do 1º ciclo na ESE conclui-se com

um trabalho de cariz investigativo sobre práticas inovadoras desenvolvidas pelos estudantes em contexto de estágio. Os dois artigos que se apresentam de seguida enquadram-se neste contexto. O trabalho de Suse Sobral, Fátima Mendes e Filipe Fialho foca-se no desenvolvimento em sala de aula de uma prática interdisciplinar que integra a Geometria e a Arte. O estudo evidencia a possibilidade não só desta articulação, pois o estudante quando descreve as suas produções artísticas fá-lo usando termos geométrico específicos, mas também o eventual impacto em Português pois as suas descrições tornam-se ricas e diversificadas. O trabalho de Sara Santos e Jorge Pinto incide na implementação de práticas de avaliação formativa, nomeadamente na utilização de questões de aula no final de algumas aulas de matemática. Posteriormente era dado feedback aos alunos e um tempo para trabalhar sobre as dificuldades reveladas nas respostas às questões de aula. O estudo mostra alguns efeitos positivos em termos de aprendizagem dos alunos, mas remete-nos também para a importância de entender o feedback como uma interação e não apenas como uma transmissão de informação.

A inovação pedagógica é hoje um objeto de investigação que merece a atenção tanto dos profissionais como dos investigadores e que se

revela um importante instrumento para perceber como mudar práticas de forma sustentada, para melhorar tanto as respostas em termos de ensino e aprendizagem na formação dos jovens estudantes como no desenvolvimento profissional dos professores. Os dois artigos que se apresentam enquadram-se nesta perspetiva e fecham este dossier. O artigo de Sara e Bill Jerman descreve um estudo de investigação ação sobre o ensino da língua materna que tem como objetivo perceber a eficácia da utilização de uma metodologia de trabalho “Talk to Write” para desenvolver competências nos estudantes de modo a que se tornem, ao longo dos primeiros anos de escolaridade, escritores criativos. Por razões técnicas, este estudo será apresentado em dois números da revista. Neste artigo apresentam-se essencialmente o quadro teórico que sustenta esta prática “Talk to Write” e a metodologia do estudo. No segundo artigo relativo a este estudo, a ser publicado na próxima revista, focar-se-á na análise dos dados e a sua discussão. No seu artigo Astrid Huber traz-nos um estudo cujo foco incide sobre o Ensino das Ciências da Natureza no Ensino Primário (6-12 anos de idade) na Áustria em termos da formação inicial de professores. Este estudo revela que a utilização do inquiry-based learning quando comparado com um ensino diretivo guiado por instruções precisas permite aos

estudantes trabalharem sobre os seus próprios temas de acordo com as suas ideias, imaginação e criatividade. O estudo refere ainda que a experiência e a reflexão são aspetos fundamentais para o professor poder trabalhar usando esta metodologia.

A fechar, a revista inclui ainda um artigo, de Ana Costa focado no ensino do Português como Língua não Materna orientado para o desenvolvimento de níveis superiores de proficiência comunicativa.

Para terminar agradeço a todos aqueles que tornaram possível a publicação deste número: os autores dos artigos, os revisores e os colegas envolvidos na edição deste número. Fica a esperança que o 1º ciclo volte a ter visibilidade e seja olhado na sua singularidade em termos das políticas educativas. O debate está aberto.